

































































































































- necessidade de repensar a racionalidade econômica, colocando a qualidade de vida no centro da questão;
- considerar o cidadão como ator privilegiado no processo de indução de mudança. Ele influencia os governos, a sociedade civil e o comércio;
- sustentabilidade é um conceito que evolui, no início era utópico, hoje é real. Hoje, verifica-se uma apropriação indevida do uso do termo;
- todas as ameaças têm como ator o humano, e todas as possibilidades de superação também;
- não há sustentabilidade sem responsabilidade ambiental;
- não há sustentabilidade sem democracia e liberdade com participação;
- não há sustentabilidade sem justiça social (direitos e oportunidades iguais para todos);
- enraizamento e consciência sobre a sustentabilidade na sociedade;
- processos de aprimoramento das relações sociais;
- amadurecimento para a construção de uma sociedade minimamente saudável e, por conseqüência, sustentável;
- a cultura gera renda e emprego e qualifica as relações sociais. Cultura = essência da vida humana, conecta-se com todas as dimensões da existência humana;
- capacitar as pessoas para ter acesso à expressão;

- o produto sustentável tem que ter competitividade no mercado com apoio de políticas;
- como atribuir responsabilidades? São Paulo tem um carro para cada dois habitantes. Se a China tiver esse índice, seriam 650 milhões de carros. A atmosfera do planeta não suportaria, e a sociedade não pode dizer que eles não têm esse direito;
- direitos = meio ambiente sadio e sustentável;
- dimensão ética do balanço entre a presente geração e as futuras gerações;
- são deveres construir os deveres e construir quem serão estes atores;
- fixar os deveres de cada cidadão;
- pegada ecológica está no campo dos deveres, atribuir responsabilidades (ver *site* [www.rprogress.org](http://www.rprogress.org));
- a certificação florestal é um novo marco regulatório, são processos de acordos multilaterais onde a hegemonia de protagonismo não é dos Estados, mas, sim, entre as sociedades.
- *accountability* do governo como demanda social;
- a construção do futuro não é objeto do conhecimento, no entanto é onde cada pessoa passará o resto de sua vida;
- que futuro queremos?;
- que mudanças e rupturas temos que fazer?;



























Desta forma, percebo que a construção da sociedade sustentável se fundamenta na equidade e na justiça social, fatores que precisam ser resgatados no contexto da sociedade moderna, caracterizada pela concentração de riquezas, centralização de poder e conseqüente segregação de classes e exclusão dos menos favorecidos. Esse resgate não é uma tarefa fácil e requer um esforço coletivo de mobilização, motivação e de participação de todos os cidadãos na construção do capital social que poderá assegurar a prosperidade econômica durável.

O ser humano, como os demais seres vivos, interage com o meio em que vive, tecendo uma teia de relações fundamentais à sua sobrevivência. No entanto, o seu espírito dominador, aliado ao desconhecimento da complexidade dos sistemas naturais, tem resultado em ações antrópicas nem sempre planejadas e, às vezes, inconseqüentes, comprometendo a capacidade de suporte da vida no planeta, isto é, a exploração predatória dos recursos naturais para a satisfação das necessidades humanas e a manutenção de certos padrões e estilos de vida vêm comprometendo a sustentabilidade ambiental em nível global.

Da mesma maneira, no campo social, observa-se o fenômeno mundial de intensificação das desigualdades nas relações capital-trabalho, em parte decorrente da concentração de riquezas, cada vez maior nas nações desenvolvidas, resultando na deterioração da qualidade de vida dos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, vitimados pela crescente exploração da pessoa humana pela pessoa humana.

Essa realidade leva à reflexão sobre a insustentabilidade socioambiental dos modelos de desenvolvimento adotados pelos Estados (seja de forma livre ou imposta, como a globalização e o livre mercado), bem como sobre a crise de percepção e liderança que se verifica no momento atual, demandando, cada vez































Estudos no nível local são úteis por inúmeras razões. Primeiro, eles proporcionam exemplos de estudo de caso para testar o alto nível das teorias tipo “corrida para baixo”. Segundo, eles permitem um exame mais próximo das respostas locais para as forças de globalização. Terceiro, estudos de impacto local expõem interações complexas entre interesses local, regional e nacional, a parte do efeito da pura globalização. Finalmente, esses estudos podem ser colocados em um contexto específico histórico e cultural, que pode proporcionar tanto uma boa explicação sobre os impactos da comunidade quanto um olhar único para a globalização.

Anteriormente, expus que existem várias definições para globalização: mercado livre, investimentos estrangeiros onde haja facilidades locais, autoridade supranacional distante, americanização, consumismo, o poder da Internet. É claro que, provavelmente, todas essas ocorram ao mesmo tempo, mas é importante tentar esclarecer os diferentes efeitos, no lugar de disfarçar esses aspectos sob o manto genérico da globalização. Diferentes aspectos da globalização podem operar em diferentes direções. Em um hipotético estudo de caso sobre florestas, o livre mercado pode encorajar maiores preços de exploração, ao mesmo tempo em que investimentos estrangeiros em empresas locais, para mudar práticas ambientais protecionistas. Ativistas locais, por sua parte, mobilizam suporte internacional através de redes de ONGs internacionais e do poder da Internet.

Devemos também nos interrogarmos sobre os efeitos que se atribui à globalização são realmente verdadeiros. Há que se relativizar essa questão. Afinal, a poluição, por exemplo, existe independentemente de a indústria ser globalizada ou não. O acesso ao mercado mundial pode induzir a uma produção maior e aumentar a poluição, mas não é claro que a poluição poderia ser menor se o mercado mundial fosse menos aberto. Hoje, sabe-se que as exigências do mercado consumidor





































































- sustentabilidade - promoção do surgimento de novas lideranças; elaboração e implementação de projetos comunitários concretos.

Embora exista uma grande variedade de instrumentos participativos, devendo-se atentar para o seu uso de acordo com a dinâmica dos processos de desenvolvimento de comunidade e as aspirações dos atores sociais, os princípios da ação são sempre os mesmos: nivelar informações, construir um conhecimento coletivo e definir um conjunto de ações a serem implementadas.

Os métodos de planejamento participativo são instrumentos práticos e coerentes de uma concepção de organização estratégica e participativa para enfrentar de modo eficiente e eficaz o conflito. A ação de um ator (sujeito coletivo que assume um papel de protagonista) não pode acontecer de maneira ingênua e improvisada, quando inserido num contexto dinâmico de mudanças e surpresas, onde outros atores também fazem seu jogo.

O planejamento combate de forma radical a improvisação inconseqüente. Exige do ator astúcia, ousadia, compromisso, responsabilidade e disciplina. No processo de planejamento, o ator será submetido a um exercício permanente de percepção sobre seus pontos fortes e fracos.

Um planejamento é estratégico, quando o ator tem visão ampla das condições e pode definir ações coordenadas em função do objetivo e dos meios que possui. Uma estratégia é eficiente e eficaz, na medida em que o ator expresse sua capacidade de abordar uma situação problemática de maneira inovadora e surpreendente, gerando, de fato, uma mudança. No jogo das estratégias, são fundamentais o conhecimento e o poder do grupo. E, nesse contexto, a concepção de planejamento estratégico situacional propicia-nos uma contribuição essencial. O poder é relativo, nenhum ator o possui de maneira absoluta. A governabilidade de

um ator pode ser alta, média ou baixa, nunca total. Dessa maneira, o grande desafio do ator é aumentar sua governabilidade, definindo estratégias de parceria ou alianças junto a outros atores potencialmente aliados, a fim de confrontar, neutralizar ou esvaziar a ação adversária. O conhecimento é fundamental para a definição das estratégias. Ele nunca se manifesta de forma unívoca, absoluta e inequívoca. O conhecimento é fragmentado, pois cada indivíduo, a partir da sua perspectiva, tem uma visão parcial das coisas. De tal maneira, que o grupo se coloca como desafio à construção coletiva do conhecimento. O grupo constitui-se ator, na medida em que os indivíduos constroem identidade comum, e esta, em grande parte, depende da capacidade de construir referências de conhecimento comum, no mínimo, consensuadas. Mesmo assim, o conhecimento consensuado do ator é situacional em relação à visão de outros atores sociais.

Em síntese, a concepção do planejamento situacional é um convite para a democratização do poder e do saber. Sem dúvida, essa é uma tarefa difícil, pois nunca foi fácil lidar com o diferente ou partilhar o poder dos outros. Essa concepção de planejamento exige uma cultura radical de direitos, de liberdade e de democracia. Muito mais que os métodos, é a concepção que os orienta, seu embasamento teórico-conceitual, representando uma visão de mundo na qual a situação problemática, resultado de um conflito, pode ser abordada por referências éticas e políticas inspiradas na liberdade e na democracia.

Assim, na minha prática de desenvolvimento de processos de planejamento socioambiental participativo, utilizo as seguintes noções, que fui somando de acordo com a minha construção operativa. Nesse processo de auto-organização, fui reconhecendo e construindo essas referências que, sem dúvida nenhuma, já devem ter sido explicitadas por outros autores, mas que, ao longo dessa caminhada, acabei

por perdê-las, foram vários os textos, livros e referências lidas e trocadas, principalmente na Internet sem identificação de autoria:

- ✓ **ator** é o sujeito coletivo que está comprometido com a ação e participando do processo de planejamento;
- ✓ **problema** é tudo aquilo que tem uma solução possível, que o ator, grupo ou comunidade tem governança sobre sua resolução. Problemas são dificuldades que nos impedem de atingir o que queremos. Só tem problemas quem vai realizar algo. É na hora de agir que eles aparecem. O problema é um desafio, incomoda, está sempre no estado negativo;
- ✓ **governabilidade** é o poder que o ator tem para decidir e realizar o que foi decidido. O ator pode ter governabilidade alta, média ou baixa em relação a problemas diferentes;
- ✓ **capacidade** é o conjunto de recursos de todos os tipos que o ator possui para superar seus problemas. Cada problema requer um tipo de capacidade diferente. As capacidades podem ser adquiridas com um treinamento. Em geral, são ligadas a habilidades como conhecimento, recursos materiais e financeiros;
- ✓ **vontade** é o desejo do ator para resolver um problema específico. Às vezes, um problema está fora de nossa governabilidade, mas, como nos causa grande mal-estar, o ator tem alta vontade de resolvê-lo;
- ✓ **impacto negativo** é o grau de dificuldade que o problema exerce sobre a ação do ator. Tem maior impacto negativo sobre a ação o problema que causa um grande estrago;

- ✓ **analisar a viabilidade do plano** é estabelecer a relação entre os recursos de que necessitamos e os recursos que temos efetivamente;
- ✓ **gerenciamento** é monitorar a realização das ações ou modificá-las, se necessário. Teremos, então, o dia-a-dia organizado por estratégias preestabelecidas e a incorporação dos novos desafios que a prática nos coloca. O gerenciamento é importante porque a realidade é dinâmica e outros atores estão jogando também, contra ou a favor do projeto. Por exemplo: uma cópia do plano de ação para todas as pessoas envolvidas na sua execução; formar uma comissão que tome iniciativas, quando surgirem surpresas; agendar as reuniões de gerenciamento; ir executando, avaliando, mudando ações, elaborando relatórios, prestando contas;
- ✓ **avaliar permanentemente** é perceber se as ações planejadas estão modificando a realidade problemática e chegando aos resultados propostos.

O planejamento participativo constitui-se em uma ferramenta para intervenção na realidade. Em linhas gerais, ele se caracteriza, segundo Gandin (2001):

- por ter sido desenvolvido para instituições, grupos e movimentos que não têm como objetivo primeiro o lucro, mas contribuir para a construção da realidade social. É direcionado para instituições, grupos e movimentos cujo fim primeiro é o de gerar riqueza não material, isto é, o de contribuir para a construção do ser humano e da humanidade;
- por partir da verificação de que não existe participação real em nossas sociedades, de que há pessoas e grupos dentro delas que não podem dispor dos recursos necessários ao seu mínimo bem-estar, parte da

clareza de que isso é conseqüência da organização estrutural injusta dessas mesmas sociedades;

- por se propor como ferramenta para que as instituições, grupos, movimentos e governos possam ter uma ação e serem direcionados a influir na construção externa da realidade, a serem eles mesmos apenas meios para a busca de fins sociais maiores; e
- por construir, em conseqüência, um conjunto de conceitos, de modelos, de técnicas e de instrumentos que permitam utilizar processos científicos e ideológicos e organizar a participação para intervir na realidade, na direção conjuntamente estabelecida.

O planejamento participativo entende que o homem, a partir de sua racionalidade, está sempre em processo de planejar alguma ação, está sempre ensaiando processos de transformar suas idéias em realidades. O ser humano possui uma estrutura básica que o leva a divisar o futuro, a analisar a realidade e a propor ações e atitudes para transformá-la (Randolf apud Gandin, 2001)<sup>58</sup>.

Esse tipo de planejamento entende que

[...] há um grande número de organismos governamentais que precisam estabelecer seus horizontes e, mais ainda, que precisam ser inteiramente públicos e, por isto, adotar técnicas e instrumentos de participação que permitam a construção conjunta dos rumos e dos caminho. [...] precisam definir o tipo de sociedade que querem como horizonte de suas práticas e quem deve fazer isto não são apenas seus administradores, mas o povo todo, representado ou, como cada vez mais se exige, diretamente. Estas instituições precisam de uma ferramenta que lhes permita cumprir melhor sua função de participar da luta de dar estrutura à sociedade.

Gandin (2001) coloca que qualquer tipo de planejamento (participativo, estratégico, gerenciamento da qualidade total, etc.) encerra basicamente três momentos: a compreensão da situação, o diagnóstico e o processo de tomada de decisão. O planejamento participativo insere a questão da abrangência social que

---

<sup>58</sup> Após longa pesquisa, não encontrei o original do livro, tendo que recorrer a usar de "apud". Nas livrarias o livro está esgotado.

este dá a esses momentos. Esse autor apresenta o seguinte quadro-resumo a seguir.

Quadro 2: Questões fundamentais do planejamento e modelo básico de plano de planejamento participativo

<b>ASPECTOS A CONSIDERAR</b>	<b>SIGNIFICADO DE CADA PARTE</b>	<b>MODELO (ESQUEMA) DO PLANO</b>
A - Realidade global existente	Diz como o grupo percebe a realidade global em seus problemas, desafios e esperanças	1.1 - Marco situacional
B - Realidade global desejada	Expressa a utopia social, o “para que direção nos movemos” do grupo. Expõe as opções sobre o homem e sobre a sociedade e fundamenta essas opções em teoria.	1.2 - Marco doutrinal
C - realidade desejada do campo de ação e (sobretudo) da instituição (grupo ou movimento) em processo de planejamento	Expressa a utopia instrumental do grupo. Expõe as opções (em termos ideais) em relação ao campo de ação e à instituição (grupo ou movimento) e fundamenta essas opções em teoria.	1.3 - Marco operativo
Confronto entre C e D	Expressa o juízo que o grupo faz da sua realidade, em confronto com o ideal traçado para seu fazer. Desse julgamento (avaliação) ficam claras as necessidades da instituição.	2 - Diagnóstico Necessidades
D - realidade institucional existente	É a descrição da realidade e da prática específicas da instituição (grupo ou movimento) que se está planejando.	(Não se inclui no plano, mas é necessário conhecê-las para elaborar o diagnóstico)
E - propostas concretas para a transformação da realidade institucional existente (para o tempo do plano)	Propõe: (a) ações; (b) comportamentos, atitudes; (c) normas; (d) rotinas para modificar a realidade existente (da instituição, do campo de ação), diminuindo a diferença entre C e D e, como consequência, influenciando na realidade global.	3 - Programação 3.1 - Objetivos 3.2 - Políticas e estratégias 3.3 - Determinações gerais 3.4 - Atividades permanentes

FONTE: [www.curriculosemfronteiras.org](http://www.curriculosemfronteiras.org). Acesso em 11 nov. 2003.

O planejamento participativo deve ser mais do que uma ferramenta para a administração da instituição e/ou para a sobrevivência da entidade planejada, deve servir para a construção da sociedade, e nesse sentido, inclui como sua tarefa contribuir para a construção de novos horizontes, entre os quais os valores que constituirão a sociedade. “[...] o planejamento participativo quer mais: deseja ser,

essencialmente, o planejamento de decidir quais as coisas certas a fazer e quais os motivos que nos levam a fazê-las, embora não renuncie aos instrumentos e às técnicas que permitam ‘fazê-las bem’” (Gandin, 2003, p. 87)

O planejamento participativo tem uma visão própria de participação. Ele nasce a partir da análise situacional que se vê uma sociedade organizada de forma injusta, injustiça esta que se caracteriza pela falta de participação. Neste contexto, participação [...] é a possibilidade de todos usufruírem dos bens, os naturais e os produzidos pela ação humana. [...] a falta de uma ferramenta de planejamento que pudesse contribuir para um esforço nesta direção; então, participação no planejamento participativo inclui distribuição de poder, inclui possibilidade de decidir na construção não apenas do “como” ou do “com que” fazer, mas também do “o que” e do “para que” fazer, além disto o planejamento participativo contém técnicas e instrumentos para realizar esta participação (Gandin, 2003, p. 88)

#### **A participação de construção em conjunto entende que**

[...] todo o sistema social é estruturado sobre outras premissas e o próprio pensamento das pessoas não está orientado para esse modo de convivência.[...] A construção em conjunto acontece quando o poder está com as pessoas, independentemente dessas diferenças menores e fundamentados na igualdade real entre elas. Aí se pode construir um processo de planejamento em que todos, com o seu saber próprio, com sua consciência, com sua adesão específica, organizam seus problemas, suas idéias, seus ideais, seu conhecimento da realidade, suas propostas e suas ações. Todos crescem juntos, transformam a realidade, criam o novo, em proveito de todos e com o trabalho coordenado [...] O planejamento participativo incorpora a visão estratégica e situacional. [...] Ele avança para questões mais amplas e complexas, como a de ver como se contribui para interferir na realidade social, para transformá-la e para construí-la numa direção estabelecida em conjunto, num pé de igualdade fundamental, mas com a contribuição própria de cada um, por todos os que participam da instituição, grupo ou movimento ou, mesmo, de uma cidade, de um estado e de uma nação. [...] o planejamento participativo quer *contribuir para a transformação da sociedade na linha da justiça social*, no sentido de que todos participem das decisões, mas, sobretudo, dos bens materiais e não materiais encontrados na natureza ou produzidos pelas pessoas humanas. [...] no planejamento participativo, planejar é desenvolver *um processo técnico para contribuir num projeto político*. [...] O planejamento participativo chama o primeiro momento de marco referencial, dando-lhe uma importância extraordinária porque nele inclui uma dimensão política, ideológica, de opção coletiva, e divide-o em três partes, para: - compreender a realidade global na qual se insere a instituição planejada (marco situacional); - propor um projeto político-social de ser humano e de sociedade (marco doutrinal); - firmar um processo técnico ideal para contribuir com a construção deste ser humano e desta sociedade (marco operativo). [...] Para o planejamento participativo, o diagnóstico (segundo momento) é a intermediação entre a proposta ideal, do sonho, e a proposta prática. Neste sentido, o diagnóstico é um juízo continuado sobre a prática, para verificar a distância em que ela está do ideal estabelecido em seu referencial. No planejamento participativo, o plano não começa com um diagnóstico, mas com um referencial (Gandin, 2003, p. 89).

A problematização da prática é necessária para o início do processo de reflexão do Assistente Social. Os Assistentes Sociais são profissionais que

preparados para desempenhar um papel ativo na formulação dos propósitos e objetivos do seu trabalho, bem como dos meios para atingi-lo. Com a contribuição do artigo de Zeichner (1993), chega-se a que o conceito do Assistente Social como praticante reflexivo reconhece a riqueza da experiência que reside na prática dos profissionais. Nessa perspectiva, significa que o processo de compreensão e melhoria da sua intervenção profissional deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência e pela certeza de que o tipo de saber inteiramente tirado da experiência dos outros é pobre e ilusório.

Ao longo do curso de doutorado, num processo recorrente de ação, reflexão e descobertas sobre os saberes que o planejamento socioambiental participativo mobiliza, quando da sua prática por parte do Assistente Social, descobri que esses são espaços pedagógicos informais de desenvolvimento da consciência cidadã. Em confronto com os textos e as discussões oportunizadas na disciplina de Tópicos Especiais em Serviço Social III: Docência no Serviço Social, ministrada pela Doutora Assistente Social Márcia Faustini, fui fazendo novas descobertas.

Essa disciplina permitiu descobrir-me como uma praticante que atua em espaços docentes informais, ou seja, um docente informal. Através do processo de reflexão - na - ação e sobre - a - ação, descrito por Schon (2000), constatei que a minha prática desenvolve processos de aprendizagem de planejamento na construção da realidade social de grupos ou comunidades locais.

A partir do texto de Perez (1992) sobre o professor prático reflexivo, aprofundei minhas leituras que traduzo neste texto. Foi um trabalho de transposição de idéias que só ocorreu em virtude da minha implicação com o tema. Como o planejamento participativo tem forçosamente três elementos constitutivos — o profissional que o conduz, o grupo que desenvolverá o trabalho junto com este

profissional e a realidade a ser trabalhada —, para fins deste trabalho, entendo que o profissional é o Assistente Social praticante, o grupo ou a comunidade local é o que chamo de usuário (por definição do Código de Ética do Assistente Social<sup>59</sup>) e a realidade é a matéria-prima desse processo. Dentre os autores pesquisados, optei por expor as idéias de Donald Schon praticamente na íntegra, preferi não correr o risco de perder conteúdo, se fosse fazer qualquer tipo de resumo ou interpretação. Seleccionei a pertinência e substituí o que ele denomina de professor por Assistente Social e o aluno-mestre por usuário.

O processo desencadeado por mim foi muito interessante. Enquanto efetuava a leitura dos textos sobre o profissional reflexivo, apreendia suas idéias e, através daquele mesmo processo que estava sendo descrito de reflexão e suas implicações, simultaneamente, eu estava exercitando-o sobre o processo histórico da minha prática profissional e identificando como esse mesmo processo ocorria tanto comigo, como Assistente Social, quanto com os usuários dos instrumentos e técnicas de planejamento por mim oferecidos. E foi dessa forma que se descortinou à minha frente mais uma dimensão do planejamento participativo, que para uns pode ser tão óbvia, mas que foi só nesse momento que o descobri como um espaço pedagógico de formação informal.

A partir da minha implicação<sup>60</sup> com a prática, como Assistente Social que trabalha em processos de planejamento participativo socioambiental, sob um

---

<sup>59</sup> Resolução CFESS N° 273/93, de 13 março de 1993.

<sup>60</sup> Dalpiaz (2002b) diz que a implicação instaura um campo de tensões paradoxais, de forças simultâneas e contrárias: aproximação – distanciamento do sujeito, subjetivação – objetivação do conhecimento. Lourau apud Dalpiaz (2002a) coloca que “[...] a implicação é o ‘nú de relações’, a ‘inquietante intimidade’ que estrutura o processo e que determina o produto da produção de conhecimento científico”. É reconhecer-se na centralidade da sua problematização. É conceber a realidade como multidimensional e relacionar-se com a sua problematização como um processo de construção dessa realidade evidenciada pela subjetividade do praticante. (Recorri a utilizar de “apud” por não ter acesso ao texto original)

permanente movimento de “ruminação” dessas práticas, e também a partir das discussões realizadas naquela disciplina, identifiquei esse agir profissional comprometido como uma prática pedagógica reflexiva, descobri que a prática do planejamento participativo ocorre em um espaço privilegiado de educação informal.

Zeichner (1993, p. 20) traz que

[...] a prática reflexiva no ensino e noutras profissões também nos diz que a reflexão é um processo que ocorre antes e depois da ação e, em certa medida, durante a ação, pois os práticos têm conversas reflexivas com as situações que estão praticando, enquadrando e resolvendo problemas *in loco*.

O Assistente Social reflexivo examina o seu processo de trabalho tanto na ação como sobre ela. Assim, ao realizar ações pedagógicas, no caso, o planejamento socioambiental participativo, a partir desse autor, posso dizer que, para além do saber na ação, que se acumula ao longo do tempo, quando se pensa na prática cotidiana do Assistente Social, também estamos continuamente criando saberes. As estratégias que usamos nesses espaços privilegiados de planejamento participativo encarnam teorias práticas sobre o modo de entender os valores educacionais. A prática reflexiva pode ser pensada como a emersão das teorias práticas para análise crítica e discussão. Expondo e examinando as suas teorias práticas, para si próprio (“ruminar”) e para os seus colegas, o profissional tem mais possibilidades de aperfeiçoar sua ação. Assim, a **prática reflexiva** convida os profissionais a criticarem e desenvolverem as suas teorias práticas, à medida que refletem sozinhos e em conjunto, na ação e sobre ela, acerca da sua ação profissional e das condições sociais que modelam as suas experiência profissionais.

De forma sucinta, transponho as idéias de Zeichner sobre as características da prática do ensino reflexivo para a prática reflexiva do agir profissional do Assistente Social:

- a atenção do Assistente Social está tanto virada para dentro, para a sua própria prática, como para fora, para as condições sociais nas quais se situa essa prática;
- existe a tendência democrática e emancipatória e são importantes as decisões do Assistente Social quanto a questões que levam a situações de desigualdade e injustiça dentro dos espaços profissionais;
- há o compromisso com a reflexão enquanto prática social. Existe aqui a tentativa de construir comunidades de aprendizagem, nas quais os profissionais apóiam e sustentam o crescimento uns dos outros. Esse compromisso tem valor estratégico importante para a criação de condições visando às mudanças institucional e social.

Gómez (1992) e Schon (2000), nas suas respectivas produções científicas, trazem a idéia de que, quando tratamos com sistemas vivos, ou, como coloca Gómez, quando se “[...] intervém num meio ecológico complexo, num cenário psicossocial vivo e mutável, definido pela interação simultânea de múltiplos fatores e condições”, como é o caso das situações de planejamento participativo, o profissional “[...] enfrenta problemas de natureza prioritariamente prática”, que podem ser tanto de natureza de aprendizagem como comportamentais, individuais e/ou grupal, que requerem o emprego da criatividade, na medida em que se apresentam singulares, “determinadas pelas características situacionais do contexto e pela própria história do grupo social”. Essas situações não dizem respeito a nenhuma teoria ou treinamento realizado na academia ou nos cursos de formação profissional, não dizem respeito ao domínio da técnica, mas, sim, “da capacidade do profissional em manejar a complexidade e resolver problemas práticos”. O manejo dessas situações está diretamente relacionado com o acúmulo de experiência e

características inerentes da subjetividade do profissional que conduz essas situações ao êxito. Schon (2000) diz que é através do diálogo reflexivo que o profissional mantém com essas situações que ele adquire “conhecimento prático”. Para esse autor, o conhecimento prático é um processo de reflexão – na – ação com a situação problemática complexa.

Kemmis apud Gómez (1992) diz sobre a natureza do processo de reflexão:

- a) expressa uma orientação para a ação e refere-se às relações entre o pensamento e a ação nas situações históricas em que nos encontramos;
- b) não é uma forma individualista de trabalho mental, pressupõe as relações sociais;
- c) não é nem independente dos valores e nem neutra, serve e expressa interesses humanos, políticos, culturais e sociais particulares;
- d) não é passiva e nem indiferente perante a ordem social, nem propaga meramente valores sociais consensuais, antes reproduz ou transforma ativamente as práticas ideológicas que estão na base da ordem social;
- e) não é processo mecânico, nem simplesmente um exército criativo de construção de novas idéias, antes é uma prática que exprime o nosso poder para reconstruir a vida social, ao participar na comunicação, na tomada de decisões e na ação social.

Schon (2000) distingue três noções básicas que integram o pensamento reflexivo do praticante: **conhecimento – na – ação**, que se manifesta no saber fazer; **reflexão – na – ação**, processo de diálogo com a situação problemática e sobre uma interação particular que exige uma intervenção concreta, é o pensar sobre o que fazemos ao mesmo tempo em que fazemos; **reflexão – sobre - a ação** e **sobre a reflexão – na – ação**, que é a análise que o indivíduo realiza *a posteriori*

sobre as características e processos da sua própria ação, é a meta reflexão. Essas noções básicas mostram as instâncias de implicação do praticante na situação problema.

Particularmente, no planejamento participativo, utiliza-se a reflexão sobre a ação, conforme a descrição de Gómez (1992)

[...] a reflexão sobre a ação é um componente essencial do processo de aprendizagem permanente em que consiste a formação<sup>[61]</sup>. Neste processo são postas à consideração individual ou coletiva não só as características da situação problemática, mas também os procedimentos utilizados na fase de diagnóstico e de definição do problema, a determinação de metas, a escolha dos meios e, os esquemas de pensamento, as teorias implícitas, as convicções e formas de representar a realidade utilizadas pelos atores.

A partir de Schon (2000) conclui-se que o planejamento participativo é um espaço de ensino prático reflexivo. É onde os usuários aprendem através do fazer, apoiados pela instrução. Sua aprendizagem prática é reflexiva em dois sentidos: destina-se a ajudar os usuários num processo de empoderamento<sup>62</sup> em um tipo de reflexão na ação e, quando isso funciona bem, acaba por envolver um diálogo entre o profissional e o usuário que toma a forma reflexão - na - ação recíproca.

O processo de tomada de decisão não só é uma etapa específica do planejamento participativo, mas, também, permeia todo esse planejamento, desde a definição do problema. Schon (2000) coloca que, na definição de problemas, os implicados escolhem e nomeiam os aspectos que irão observar. Isso está diretamente relacionado com a implicação dos sujeitos nesse processo.

Através de atos complementares de designação e concepção, os sujeitos selecionam os fatos aos quais se ater e os organiza, guiado por uma apreciação da situação que dá a ela coerência e estabelece uma direção para a ação. Assim sendo, a definição de problemas é um processo ontológico — uma maneira de apresentar uma visão de mundo. Dependendo de nossos antecedentes disciplinares, papéis organizacionais, histórias passadas, interesses e perspectivas econômicas e políticas, abordamos situações problemáticas de formas diferentes. [...] Quando uma situação problemática é incerta, a solução técnica de problemas depende da construção anterior de um

<sup>61</sup> Formação entendida aqui dos atores sociais envolvidos no planejamento participativo como um processo de aprendizagem, no mínimo, de um plano de ação

<sup>62</sup> *Empowerment*: tradução do inglês para o português, realizada pela autora, como empoderamento.

problema bem delineado, o que não é, em si, uma tarefa técnica. Quando um profissional reconhece uma situação como única não pode lidar com ela apenas aplicando técnicas derivadas de sua bagagem de conhecimento profissional. E, em situações de conflito de valores, não há fins claros que sejam consistentes em si e que possam guiar a seleção técnica dos meios.” (Schon, 2000, p. 16).

As vivências, a subjetividade e a experiência prática trabalhadas num processo reflexivo são decisivas no que Gómez denomina de “[...] processo de produção de significados, que constituem o fator mais importante do processo de construção da realidade educativa”, no caso, o planejamento participativo.

Esse autor conclui, dizendo que

[...] *o conhecimento – na - ação* só é pertinente se for flexível e se apoiar na *reflexão na e sobre a ação*. Trata-se de partir da prática para desencadear uma reflexão séria sobre o conjunto das questões em pauta, desde as rotinas técnicas, passando pelas teorias e pelos valores. A *prática* é mais um processo de investigação do que um contexto de aplicação. Um processo de *investigação na ação*, mediante o qual o profissional submerge do mundo complexo do planejamento para compreender de forma crítica e vital, implicando-se afetiva e cognitivamente nas interações da situação real, questionando as suas próprias crenças e explicações, propondo e experimentando alternativas, participando na reconstrução permanente da realidade daquele grupo ou comunidade local. A prática reflexiva exige um novo modelo de investigação, onde tenha lugar a complexidade do real. O *pensamento prático* do profissional é uma complexa competência de caráter holístico. [...] é a capacidade de intervir de forma competente em situações diversas; ora esta capacidade é um conjunto coerente de caráter cognitivo e afetivo, explicativo e normativo, de conhecimentos, capacidades, teorias, crenças e atitudes. Enquanto processo de desenho e intervenção sobre a realidade, a *prática* é uma atividade criativa, que não pode considerar-se exclusivamente uma atividade técnica de aplicação de produções externas. No diálogo reflexivo que o usuário mantém com a realidade problemática, cria-se uma nova realidade, novos espaços de intercâmbio, novos marcos de referência, novos significados e novas redes de comunicação. Ao criar uma nova realidade, a *prática* abre um novo espaço ao conhecimento e à experiência, à descoberta, à invenção, à reflexão e à diferença. O *pensamento prático* não pode ser ensinado, mas pode ser aprendido. Aprende-se fazendo e refletindo *na e sobre a ação*. Através da *prática* é possível apoiar e desenvolver o *pensamento prático*, graças a uma reflexão conjunta (e recíproca) entre o usuário e o profissional. [...] No desenvolvimento do conhecimento, o indivíduo elabora, diferencia e adequa os instrumentos conceituais e materiais de investigação às características peculiares da realidade a conhecer.

Martinelli (1998) ensina que a construção de uma nova prática social exige que seja reconhecida como: expressão do saber, prática educativa e prática política. Esses três elementos respondem, respectivamente, por: a produção da prática, que “[...] como teoria em movimento é um ato coletivo, político, uma ação cooperativa e complementar entre sujeitos sociais, sejam eles agentes ou usuários institucionais”;

a prática do encontro, onde o diálogo e a construção partilhada são sua essência, “[...] é a possibilidade de trabalharmos com os sujeitos sociais na construção de seu real, de seu viver histórico”; “trata-se de uma prática que assume plenamente a sua vocação social e o seu compromisso político”.

Conclui-se que a relação Assistente Social–grupos/comunidades é mediada pelo conhecimento, em que o papel dos atores, considerando os processos de planejamento participativo como espaços de educação informal, é redefinido. Cabe ao Assistente Social coordenar essas situações provocadoras, propiciadoras, desencadeadoras de aprendizagem. Cabe aos sujeitos atuarem, lidarem, trabalharem com informações, de tal forma a ingressarem num processo constante de construção/reconstrução de conhecimento (Penteado, 2003), ou de desencadear essa tecitura que fala de suas autonomias. É necessário tomar consciência de seu grau de conhecimento sobre o tema focalizado, problematizar esse conhecimento inicial, localizar informações pertinentes sobre o tema, tomar conhecimento das fontes que deram origem às informações utilizadas, retrabalhar os conhecimentos iniciais à luz das fontes, analisar situações concretas a partir das informações disponíveis e organizar ações concretas de participação sobre o tema focalizado.

É dentro da ecologia da ação que percebo como este trabalho foi marcado pelas incertezas e pelas surpresas das novas descobertas. Uma das minhas hipóteses ao iniciar este estudo era de que o Assistente Social que trabalha com planejamento participativo não conhecia os métodos. Salvo apenas duas das respostas que utilizaram planejamento participativo como sinônimo de orçamento participativo (dialogador preto e testador do instrumento), os profissionais tinham conhecimento de algum método ou instrumento de planejamento participativo. Os dialogadores citaram os seguintes métodos:

O dialogador azul citou planejamento estratégico, Mapp, Mapp do B e Zopp.

O dialogador laranja citou o Marco Lógico.

O dialogador rosa citou Matriz Lógica e Zopp

O dialogador verde citou Zopp, Metaplan e Grafograma

O que pude observar é que, se, no grupo dos não-Assistentes Sociais, ao perguntar sobre os métodos, técnicas e instrumentos utilizados por eles nos processos de planejamento participativo, imediatamente o padrão de resposta foi de citar aqueles mais usuais por cada um, as respostas dos Assistentes Sociais não foram claras sobre o conhecimento e o uso desses métodos, técnicas ou instrumentos. Em todas as entrevistas, tive que desdobrar as perguntas para que pudesse descobrir se, ao menos, eles conheciam algum deles.

O objetivo geral da pesquisa era **repensar a prática profissional do Assistente Social em processos de planejamento participativo considerando o meio ambiente como uma questão emergente para a construção de cidadania.** A investigação oportunizou-me obter pistas de que, embora os Assistentes Sociais vejam a importância da questão ambiental, ainda não se apropriaram dessa problemática como uma área transversal e transdisciplinar de conhecimento.

Dentro dos objetivos específicos a que esta pesquisa se propôs, percebe-se, com os depoimentos dos meus colegas e com as respostas do grupo de não-Assistentes Sociais, que os Assistentes Sociais percebem o planejamento participativo como uma oportunidade de dar voz ao usuário. Lendo as respostas no seu conjunto, tive indícios de que esse processo é tido como uma “concessão” do profissional, de uma maneira geral. Foram várias as entrevistas em que esses profissionais se utilizaram das expressões “Eu faço...”, “Eu chamo...”. Ficou a impressão de que os atores envolvidos no processo só estão ali por causa do

Assistente Social. Em apenas uma entrevista, o Assistente Social falou sobre a realidade vivida, sobre os atores sociais e sobre o processo.

Dialogador verde: “[...] e aí o que eu fiz, eu reuni todos os trabalhadores e disse, nós somos uma Secretaria, quero saber que alternativas a gente tem...”

Fiquei pensando: e os trabalhadores queriam saber isto? O que eles pensavam sobre o assunto? Era prioritário também para eles, ou eles tinham outras prioridades?

O dialogador laranja disse: “[...] como eu consegui, acho que é uma coisa mais minha do que da instituição [...]”.

Já o dialogador azul, dentro de uma concepção de processo, declarou

Então partimos da realidade, que realidade é está com a qual nós trabalhamos, quem são os sujeitos desta realidade, quem são as pessoas com as quais nós temos relação direta, quem são as pessoas que indiretamente estão implicados a estas pessoas com as quais diretamente trabalhamos, quais são as marcas dessa realidade que determina essa vivência, a vida das pessoas com as quais nós trabalhamos e dessas outras pessoas diretamente implicadas a essas primeiras e como é que é [...]

Dentro da concepção de planejamento socioambiental participativo com a qual trabalho e que expus anteriormente, não posso deixar de comparar e pensar como os conceitos e as práticas são diferentes.

Com relação à percepção que os Assistentes Sociais têm do que é o planejamento socioambiental participativo, foi interessante averiguar que dois profissionais se aproximaram bastante do que descrevi aqui como sendo esse planejamento.

Dialogador roxo:

O socioambiental é a gente poder se dar conta que não dá para falar do impacto ambiental quando é uma coisa descolada da miséria, da pobreza, da relação do homem com o ambiente, com os outros, enfim, da sua inserção, da sua atividade produtiva ou não, o planejamento socioambiental participativo é tu levar em conta sempre isso, que tu tem que estar trabalhando com a rede toda, com todo o sistema vivo, com o sentido das coisas”.

No entanto, considerando os demais profissionais, alguns admitiram que não haviam pensado sobre isso, mas todos acabaram falando da importância de se trabalhar as questões ambientais. Esse grupo, em nenhum momento, relaciona o ambiental com o trabalho com grupos e/ou comunidades, o que muito me chamou atenção, conforme os exemplos que trago abaixo:

#### Dialogador verde:

O socioambiental, para mim, é toda essa relação do homem com o meio ambiente, então é toda a questão do lixo, com a questão do uso da água, com a questão da vida, eu acho que o socioambiental é a vida, é a tua relação com a natureza, com a vida e com os outros seres humanos [...] para mim socioambiental é tudo isso, essa relação do ser humano com o ambiente e a preocupação socioambiental que seria outra coisa em termos de planejamento, é tu preservar o meio ambiente, fazer ações onde tu contemples o meio ambiente, a manutenção da vida e da prioridade da vida, preservação da vida, ações preventivas e ações de conscientização.

#### Dialogador laranja:

[...] a gente sabe que, se a gente for pensar em sustentabilidade, a gente tenta pensar nessas dimensões integradas, social, ambiental e econômica que tem que está interligada, mas ainda é uma concepção que não se traduz em nenhum modelo de planejamento para nós.

#### Dialogador vermelho:

[...]ambiente está caindo de maduro, acho que a gente tem que se preocupar com isso, com política pública também, de proteção para esse ambiente, preservação da vida na realidade, qual é o teu projeto, está tudo junto, mas ti confesso que não é uma temática que eu tenha me aprofundado, mas que eu acho importante, eu acho.

Por fim, posso dizer que minha maior satisfação foi poder aprender o que meus colegas fazem na área do planejamento e gestão e ver que os momentos de entrevista foram também momentos de aprendizado para eles. Na maior parte das entrevistas, fiz indicações bibliográficas, sugeri métodos e pessoas que eles pudessem buscar, tentando contemplar uma visão diferente daquela já existente, tentando agregar outros olhares e conhecimentos a cada prática que escutei e que estabeleci pontes.

## **.CONCLUSÃO: A ATERRISSAGEM A PARTIR DE APROXIMAÇÕES SUCESSIVAS**

Ao chegar ao final desta série de vôos, olho para trás e vejo rotas trilhadas, caminhos percorridos. Faço uma analogia com aquele passa-tempo de criança em que existem vários caminhos para o coelho encontrar a cenoura. Alguns acabam sem saída, e aí tem que se dar meia volta e tentar outro caminho, até chegar naquele correto. É impressionante como, à medida que me fui aprofundando nos estudos e, principalmente, na escrita deste texto, fui ficando impregnada. Sempre havia um livro a mais para ler. Ou era um *insight* que eu tinha na direção do carro, o que me fazia pará-lo e anotar, antes que o turbilhão de idéias afogasse esta também. Por vezes, eram sonhos, neste caso, mais pesadelos...

Mas sempre chega a hora de colocar um ponto final. Minha cultura judaica/ocidental faz com que a procura seja insana e praticamente me obriga, mesmo antes de escrever a última linha, a seguir com os questionamentos, numa busca infundável de porquês.

Viajando nas asas de Minerva, hoje começo a poder vislumbrar de onde parti, mas ainda não consegui dimensionar completamente até onde fui. Talvez seja um processo sem tempo pré-fixado para terminar. Talvez, se tivesse feito a viagem de avião, a bússola poderia indicar-me com precisão o ponto de partida e o ponto de chegada. Mas escolhi voar com um pássaro.

Este reencontro com o Serviço Social e com meus colegas de profissão mostrou-me a importância de continuar a trilhar os caminhos do meio ambiente. Mostrou-me também que, enfim, a questão ambiental parece começar a ser uma questão emergencial e um campo de atuação profícuo, que se estende à nossa frente. Porém ficou claro para mim que o Assistente Social sai dos bancos

universitários despreparado para atuar nesse campo e que urge que pensemos nisso.

Das questões postas inicialmente, concluo que:

- a) o Assistente Social conhece alguns métodos participativos e utiliza-os, porém, por um condicionamento da formação, não releva a importância que tem o instrumental para lidar com as situações da realidade;
- b) o pressuposto da Teoria da Complexidade permitirá vislumbrar novas práticas, como o meio ambiente e a valorização dos métodos a serem utilizados na prática, a medida que seu olhar busque a multidimensionalidade do real;
- c) o conhecimento e a utilização dos diversos métodos e instrumentos participativos mostrarão uma outra realidade e outra forma de constituir a cidadania das comunidades. Acredito que o Assistente Social possa a vir a entender a necessidade de voltar a trabalhar junto a comunidades locais;
- d) as experiências de planejamento socioambiental participativo podem contribuir sobremaneira nos processos de planejamento participativo, ao se estudar de que maneira podemos mitigar ou prevenir impactos negativos com os grupos que experienciam esse processo. O planejamento socioambiental participativo poderá mostrar como os processos de planejamento participativos podem ser espaços de educação informal.

Assim, com a minha veia judia falando mais alto, neste momento, não posso me furtar de, ao final deste trabalho, continuar nessa via questionadora. Deixo registradas algumas questões que me vêm inquietando e que quero que inquietem e contagiem igualmente meus pares. Convido-os a aceitarem essa “provocação” de

refletirem sobre o que venho me interrogando: que encaminhamentos tem o Serviço Social para os avanços da ciência? Que encaminhamentos tem o Serviço Social para a possibilidade de finitude do ser humano? Que encaminhamentos tem o Serviço Social para a possibilidade da extinção dos recursos naturais, a vida no planeta Terra?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMMANN, Safira Bezerra. **Ideologia do Desenvolvimento de Comunidade no Brasil**. São Paulo: Cortez. 9 ed. 1997.

ARNSTEIN, Sherry. Uma Escada da Participação Cidadã. **Revista Participe**. Ano 2, no. 2, jan 2002, p 4-13, Porto Alegre. Associação Brasileira para Promoção da Participação.

ARRUDA, Marina PATRÍCIO DE. **A Prática da Meditação em Busca de um Mediador de Emoções**. Pelotas: Seiva, 2004

BAPTISTA, Mirian Veras. **Desenvolvimento de comunidade; estudo da integração do desenvolvimento de comunidade no planejamento do desenvolvimento global**. 3. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1976.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

BATESON, G. **Mind and Nature: A necessary unity**. Dutton: New York, 1979.

BERTALANFFY, Ludwig Von. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BONDER, Cíntia. **Eco Serviço Social: pressupostos para atuação no século XXI – do bem-estar à qualidade de vida**. 1992, 131f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, PUCRS, Porto Alegre, 1992.

BONDER, Cíntia. **Eco Trabalho Social: do bem-estar à qualidade de vida**. Porto Alegre: Ortiz, 1996. 72p.

BONDER, Nilton. **O Segredo Judaico de Resolução de Problemas: ídiche kop**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BROSE, Markus. **Introdução à moderação e ao método ZOPP**. Recife: GTZ, 1993.

BROSE, Markus. **Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

BROWER, D. **Let the Mountains Talk, Let the Rivers Run**. New York: HarperCollins, 1995.

BUBER, Martin. **Histórias do Rabi**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

BULLA, Leonia Capaverde; ARAÚJO, Jairo Melo (orgs). **A Produção de Conhecimento no Mestrado em Serviço Social da PUCRS**. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

CBCISS. O Progresso Social Através do Planejamento Social: o papel do Serviço Social. In: **Conferência Internacional de Serviços Sociais**. 17, Grécia, 1971

CBCISS. Desenvolvimento e Participação. In **17 Conferencia Internacional de Serviços Sociais**. Quênia. 1974

CASTELLS, Manuel. Para o Estado Rede: globalização econômica e instituições políticas na era da informação. In SOLA, Lourdes e outros (Orgs.). **Sociedade e Estado em Transformação**. São Paulo: Unesp, 2001, p. 119-146.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE. **Nosso Futuro Comum**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1991.

CONAMA, **Resolução CONAMA nº1**, SEMA, 1986, p 37-38

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração do meio ambiente**. Estocolmo. De 05 a 16 de junho, 1972

CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 7, 1992, São Paulo. **Caderno de Teses**. 1992.

CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 8, 1995, Salvador. **Caderno de Comunicações**. 1995

CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 10, 2001, Rio de Janeiro. **Caderno de resumos**. 2001.

CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 10, 2001, Rio de Janeiro. **Anais do X Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**,. 2001. 1 CD-ROM.

CORNELY, Seno. **A dinâmica do desenvolvimento frente aos problemas contemporâneos: o Serviço Social e a dinâmica do desenvolvimento – a funcionalidade do Serviço Social em relação aos recursos e exigências atuais**. Rio de Janeiro:CBCISS, 1972

DALPIAZ, Luiza Helena. **Devenir praticien-chercheur, une possibilité pour le dépassement de la crise des travailleurs sociaux – l’approche d’une assistante sociale**. Saint-Denis, 1994. Thèse de Doctorat. Université Paris VIII - Vincennes à Saint-Denis, Département des Sciences de l'Éducation. 1994

DOWBOR, Ladislau. Estado, sociedade civil e democracia. **CADERNOS ABDL**. 7. Turma. 2000.

EIGEN, M. Molecular self-organization and the early stages of evolution. **Quarterly Reviews of Biophysics**, 4, 1971.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Metodologia e Ideologia do Trabalho Social**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1982.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Estratégias em Serviço Social**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FRENCH, Hilary. **Vanishing Borders: Protecting the Planet in the Age of Globalization** Disponível em [www.worldwatch.org](http://www.worldwatch.org)

GANDIN, Danilo. **A posição do planejamento participativo entre as ferramentas de intervenção na realidade**. Disponível em [www.curriculosemfronteiras.org](http://www.curriculosemfronteiras.org)  
Acesso em: 11 nov. 2003.

GIDDENS, Anthony. **GLOBALIZATION — LECTURE 1**. Disponível em [www.bbc.co.uk/hi/english/static/events/reith](http://www.bbc.co.uk/hi/english/static/events/reith), 2000.

GIRI, Ananta Kumar. **Promoting multiculturalism**. Disponível em [www.hinduonnet.com](http://www.hinduonnet.com) . Acesso em: 1º dez. 2003.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio-ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989.

HAKEN, H. Sinergistics: an approach to self-organization. In: YATES, F. Eugene (Org.), **Self-organizing systems**. New York: Plenum, 1987.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 3. ed. São Paulo:Perspectiva, 1991.

LAPASSADE, Georges. **L'entrée dans la vie; essai sur l'inachèvement de l'homme**. Paris, Minuit, 1963. (Arguments).

LEAD Brazil Associates. Globalization and Ribeira Valley: Impacts and opportunities for local communities. **LEAD International Session**, Vancouver, p:142-143, Aug . 2000.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, Sergio V. **Planejamento de Pesquisa**. São Paulo: PUC-SP, 2000.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de Pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2000.

MANDELBROT, B. **The Fractal Geometry of Nature**. New York: Freeman, 1983.



SCHON, Donald A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: ArtMed, 2000.256p.

SILVA, Daniel. **Adeus barrageiros**: A transação de paradigma na construção de barragens no rio Uruguai. 1991. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - UFSC. Florianópolis. 1991.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

UEDA, Y. **Behavior of the Soliton to Duffing's Equation for Large Forcing Amplitudes**. Mathematical Research 72, 149-1666, 1993.

VICTORIA, Ceres et alli. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo editorial, 2000.

WACKERNAGEL, Mathis, REES, William. **Our ecological footprint** - reducing human impact on the earth. Gabriola Island: New Society Publishers, 1995.

WAINER, Ann Helen. **Olhar Ecológico Através do Judaísmo**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

WOO, Yuen Pau. Globalization and sustainable development: an overview of the issues. **LEAD International Session**, Vancouver, p:83-94, Aug 2000.

ZEICHNER, Kenneth. **A formação reflexiva de professores**. Lisboa: Educa, 1993.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Dora. **Sem Ela, Nada Feito:** educação ambiental e a ISSO-14001. Salvador: Casa de Qualidade, 2000.

ALMEIDA, Josimar Ribeiro de; MORAES, Frederico Eugênio; SOUZA, José Moutinho; SOUZA, Telma Moutinho; MALHEIROS, Marques. **Planejamento Ambiental**. 2. ed. Rio de Janeiro:Thex,1999.

ARDOINO, Jacques. **Éducation et Politique;** propos actuels sur l'éducation II. Paris: Gauthier-Villars, 1977.

ARDOINO, Jacques. L'approche multiréférentielle (plurielle) des situations éducatives et formatives. In: **Pratiques de Formation – Analyses**. Saint-Denis, n. 25-26, p. 15-41, avr. 1993.

ARDOINO, Jacques. **Formarse**. México:Universidade Iberoamericana: 1998.

ARDOINO, Jacques. Da clínica; 25 abril 1989. Tradução de Luiza Helena Dalpiaz. **Cadernos Multiforme** - Coleção Traduções, Porto Alegre, n.1, p. 3-18, dez. 1999.

ARON, Raymond. **Dezoito Lições Sobre a Sociedade Industrial**. Brasília: Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 1981.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE SERVIÇO SOCIAL. **O Processo da Formação Profissional do Assistente Social**. São Paulo:Difusão,1986.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE SERVIÇO SOCIAL. **Educação Popular**. São Paulo: Cortez, 1988.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE SERVIÇO SOCIAL. **A Metodologia no Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1989.

BALBIANI, Rosangela; OLIVEIRA, Maristela Costa de. **Serviço Social na Escola**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997.

BARBIERI, Edison. **Biodiversidade:** capitalismo verde ou ecologia Social. São Paulo: Cidade Nova, 1998.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves(org.). **Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

BARBOSA, Mario da Costa. **Planejamento e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1980.

BARAJAS, Luis Felipe Cabrales. **Latinoamérica:** países abiertos,ciudades cerradas. Guadalajara:UNESCO,2002.

BARTH, Jutta; BROSE, Markus. **Participação e Desenvolvimento Local**: balanço de uma década de cooperação técnica alemã no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Sulina, 2002

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Difusão, 1980.

BASTOS, Rogério Lustosa. **Ciências Humanas e Complexidades**: projetos, métodos e técnicas de pesquisa; o caos, a nova ciência. Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmund. **Globalização**: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRAVO, Luiz. **Trabalhando com a Comunidade**. Rio de Janeiro: CBAG, 1982.

BROSE, Markus. **Participação na Extensão Rural**: experiências inovadoras de desenvolvimento local. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

BRIONES, Guillermo. **Metodologia de los Estudios Evaluativos** — Su Aplicación a Programa de Desarrollo Social. Santiago: Universidad Catolica de Chile, 1974.

BROWN, Lester R.. **Qualidade de Vida 1991**: Salve o Planeta. São Paulo: Globo, 1991

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 7ª ed, 2002.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas**: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

CALLENBACH, Ernest; MARBURG, Sandra; GOLDMAN, Lenore LUTZ, Rüdiger. **Gerenciamento Ecológico**. São Paulo: Cultrix, 10. ed, 2001.

CARELLI, Mariluci Neis. **Os limites do Serviço Social: uma perspectiva crítica sob a ótica da ecologia política**. 1992. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) — Faculdade de Serviço Social, UFSC, Florianópolis, 1992.

CARVALHO, Alba Maria P. **A Questão da Transformação e o Trabalho Social**. São Paulo: Cortez, 1983

CASTORIADIS, Cornelius; ROUANET, Sérgio Paulo; CHAUI, Marilena; TORRES, João Carlos Brum; ROSENFELD, Denis;. **A Criação Histórica**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992.

CERES, Vitória, et all. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo editorial, 2000.

CORNELY, Seno A. Introdução à ecologia Social. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 38, 1992.

CORNELY, Seno A.; BONDER, Cíntia. A violência contra a vida: o pensamento ecológico. **Véritas**, Porto Alegre, p.483-497, 1993.

CUNHA, Sandra Baptista de; GUERRA, Antonio José Teixeira. **Avaliação e Perícia Ambiental**, Rio de Janeiro:Bertrand, 1999.

DALPIAZ, Luiza Helena. **Elementos da gênese de um projeto acadêmico emergente no Serviço Social**. mimeo, 2002a.

DALPIAZ, Luiza Helena. Formação de pesquisadores e prática de orientação no Serviço Social. In: **VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**. 2002b. Juiz de Fora, ABEPSS. Anais. 1 CD-ROM.

DALPIAZ, Luiza Helena. **Orientação, autoria e co-autoria: uma prática de inovação na formação de pesquisadores, na pós-graduação em Serviço Social**. 2002c. Projeto de pesquisa. PUCRS, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Multiforme: grupo de estudos e pesquisa em formação profissional. mimeo.

DALPIAZ, Luiza Helena. **Uma prática emergente de ruptura epistemológica no Serviço Social**. mimeo, 2002d.

DALPIAZ, Luiza Helena; DE LA FARE, Mónica. A pesquisa como problema: elementos de um método de pesquisa-formação no Serviço Social. In: **VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social — O Serviço Social e a questão social: direitos e cidadania**. 2000a. Brasília, ABEPSS. Anais, vol. I, p. 240-246.

DALPIAZ, Luiza Helena; DE LA FARE, Mónica. Multiforme: Filiation... traduction... trahison... autorisation... Des éléments d'un projet "en actes" et d'une pratique singulière d'institutionnalisation d'un groupe de recherche au Brésil. In: **COLLOQUE INTERNATIONAL DE L'AFIRSE** - "L'universel et le singulier - l'éducation comme dialectique : expériences et recherches". 2000b. Rennes, France, AFIRSE. Actes, p.135-141.

DALPIAZ, Luiza Helena; DE LA FARE, Mónica. Orientação, co-autoria e processo de institucionalização de uma prática de pesquisa-formação. In.: **Xº Colóquio Internacional da AFIRSE**, I Colóquio Nacional da AFIRSE - Seção Brasileira - "Heterogeneidade, cultura e educação", 2001. Natal, UFRN, Anais, p. 282 (Resumo; texto integral em mimeo).

DE LA FARE, Mónica. **Tensões paradigmáticas na prática de pesquisa; o Serviço Social como analisador**. Porto Alegre, 2003. Tese de doutorado. PUCRS. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista**. São Paulo: Cortez, 1996.

DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa**. São Paulo: Autores Associados, 1995.

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DOLAY, F. W. **Planejamento de projeto orientado por objetivos — método ZOPP**. Recife: GTZ, 1993.

DORNELLES, Denise. **Eco-práxis: complementaridade e mediação: uma alternativa de orientação metodológica para o Serviço Social**. 1997, 270p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, PUCRS, Porto Alegre, 1997.

DREW, David. **Processos Interativos Homem-meio Ambiente**. Rio de Janeiro: Bertrand, 4ª ed, 1998.

DUPUY, Jean Pierre. **Introdução à crítica da ecologia Política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

ECO, Umberto. **Como se Faz Ume Tese**. 18. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003

FEDOZZI, Luciano. **Poder da Aldeia**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

FERRARI, Alfonso T.. **Metodologia da Pesquisa Científica**. São Paulo: McGraw-Hill, 1982.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Francisco Whitaker. **Planejamento sim e não**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRANCO, Augusto de.(coord.).**Proder Especial: um novo vetor de sustentabilidade econômica em processos de desenvolvimento local integrado e sustentável**. Brasília: Sebrae, 1999.

FRANCO, Augusto de. **Por Que Precisamos de Desenvolvimento Local Integrado e sustentável**. Brasília: Millennium, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Paz e Terra. 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Terra Nueva. 1970.

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos cultural, social, político, religioso e governamental**. Petrópolis: Vozes, 1994.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais; morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GORZ, André. **Capitalisme Socialisme Ecologie**: Desorientations Orientations. Mayenne: Editions Galilée. 1991.

GUARESCHI, Pedrinho A; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em representações sociais**. Petrópolis:Vozes. 3. ed, 1995.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. 2. ed. São Paulo: Universidade, 1990.  
IBASE. **Saúde e Trabalho no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro:Vozes, 1983.

IGNÊS, Maria. **Política e Planejamento Social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1982.

KLAUSMEYER, Alfons; RAMALHO, Luis. **Introdução às metodologias participativas**: um guia prático. Recife: SACTES-DED, 1985.

KLIKSBERG, Bernardo. **Por uma economia com face mais humana**. Brasília: Unesco, 2003.

KLIKSBERG, Bernardo. **A Justiça Social: uma visão judaica**. São Paulo: Unesco, 2001.

KLOETZER, Kurt. **O Que é Meio Ambiente**. São Paulo: [s/ed],1998.

KRUG, Jorge. **Mobilização Comunitária**. São Paulo: Cortez, 1982.

LORENZ, E. Deterministic Nonperiodic Flow. **Journal of the Atmospheric Sciences**, vol 20, pp 130-41, 1963.

LOURAU, René. **Le journal de recherche; matériaux d'une théorie de l'implication**. Paris, Meridiens Klincksieck, 1988. (Analyse institutionnelle)

LOURAU, René. Implication et surimplication. In: **Revue du Mauss**. Paris, n.10, p.110-120, 4. trim. 1990.

MAGALHÃES, Cândida Moreira. Encardidas(os) da e na história: gênero e ecologia. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, ano XXI, n. 64, p.78-96, nov. 2000.

MAGNA ENGENHARIA. **Plano de Participação Social** —1988 .43p.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social Identidade e Alienação**. São Paulo: Cortez, 1989.

MARTINS, José Pedro Soares. **Ecologia ou morte**. São Paulo: FTD,1987.

MATURANA, Humberto. VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MATURANA, Humberto. **Amar e Brincar**: fundamentos esquecidos do humano . São Paulo: Palas Athena, 2004.

MCFETRIDGE, Donald G. **Economia e Meio Ambiente**: a reconciliação, Porto Alegre: Ortiz, 1992.

MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte**. 2ªed. Portugal: Europa-América 1970

MORIN, Edgar. **O Paradigma Perdido**: a Natureza Humana. 5.ed. Portugal:Europa-América,1973

MORIN, Edgar. **O método**. Lisboa: Europa-América,1977

MORIN, Edgar. **Pensar a Europa**. Portugal:Europa-América: 1987

MORIN, Edgar. **O método IV**: As idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização. Publicações Europa-América, s/l, 1992.

MORIN, Edgar; BAUDRILLARD, Jean; MAFFESOLI, Michel. **A Decadência do Futuro e a Construção do Presente**. Floroanópolis:UFSC,1993.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

MORIN, Edgar. **Meus Demônios**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1997.

MORIN, Edgar. **O método III**: a consciência da consciência. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis; **A Inteligência da Complexidade**. 3.ed. São Paulo:Peirópolis, 2000.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem Feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2000a.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários a Educação do Futuro**. Cortez, UNESCO, São Paulo, 2000b

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 5.ed. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar; WULF, Christoph. **Planeta**: a aventura desconhecida. São Paulo: UNESCO, 2003.

MORIN, Edgar. CYRULNIK, Boris. **Dialogue sur la nature humaine**. L'Aube,2004

MORIN, Edgar. PENA-VEGA, Alfredo. PAILLARD, Bernard. **Diálogo Sobre o Conhecimento**. Sao Paulo: Cortez, 2004.

NATTRASS, Brian, ALTOMARE, Mary. **The natural step for business** – wealth, ecology and evolutionary corporation. Gabriola Island: New Society Publishers, 1999.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo**. São Paulo:Cortez, 1992.

NUNES, Ellen Regina Mayhé. **Alfabetização Ecológica**: um caminho para a sustentabilidade. Porto Alegre: Do Autor, 2005.

O'GORMAN, Francês. **Dinâmica Comunitária nas Palavras do Povo**. Petrópolis:Vozes,1981.

OSTRIKER, A. (Org.). **William Blake**: the complete poems. Penguin, New York, 1993.

PATEMAN, Carole. **Participação e teoria democrática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. A Nova Centro-Esquerda. **Cadernos ABDL**. 7 Turma. 2000.

PONTES, Reinaldo Nobre, **Mediação e Serviço Social**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo:Unesp, 1996

RABUSKE, Edvino. **Epistemologia das Ciências Humanas**. Caxias do Sul:EDUCS,1987

RATTNER, Henrique. **Planejamento e Bem-Estar Social**. São Paulo: Perspectiva, 1979

REIGATA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Social**. 3. ed. São Paulo:Cortez, 1998 41v

REIS, Carlos Nelson. **América Latina: Crescimento no Comércio Mundial e Exclusão Social**. Porto Alegre: Dacasa, 2001.

RÉMOND, René. **Industrialização à hisotória de nosso tempo**. São Paulo: Cultrix, 1976.

**REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE**. São Paulo: Cortez, ano I, n.1.1979.

**REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE**. São Paulo: Cortez, ano II, n.2, 1980.

**REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE**. São Paulo: Cortez, ano II, n.3, 1980.

**REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE**. São Paulo: Cortez, ano II, n.4, 1980.

**REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE**. São Paulo: Cortez, ano III, n.5, 1981.

- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano III, n.6, 1981.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano III, n.7, 1981.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano IV, n.8, 1982.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano IV, n.9, 1982.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano IV, n.10, 1982.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano V, n.11, 1983.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano V, n.12, 1983.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano V, n.13, 1983.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano VI, n.14, 1984.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano VI, n.15, 1984.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano VI, n.16, 1984.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano VII, n.17, 1985.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano VII, n.18, 1985.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano VII, n.19, 1985.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano VIII, n.20, 1986.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano VIII, n.21, 1986.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano VIII, n.22, 1986.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano IX, n.23, 1987.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano IX, n.24, 1987.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano IX, n.24, 1987.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano IX, n.25, 1987.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano X, n.26, 1988.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano X, n.27, 1988.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano X, n.28, 1988.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XI, n.29, 1989.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XI, n.30, 1989.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XI, n.231, 1989.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XII, n.32, 1990.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XII, n.33, 1990.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XII, n.34, 1990.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XIII, n.35, 1991.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XIII, n.36, 1991.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XIII, n.37, 1991.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XIV, n.38, 1992.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XIV, n.39, 1992.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XIV, n.40, 1992.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XV, n.41, 1993.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XV, n.43, 1993.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XVI, n.44, 1994.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XVI, n.45, 1994.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XVI, n.46, 1994.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XVII, n.47, 1995.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XVII, n.48, 1995.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XVII, n.49, 1995.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **O Serviço Social no século XXI.** São Paulo: Cortez, ano XVIII, n.50, 1996.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Identidade e formação profissional.** São Paulo: Cortez, ano XVIII, n.51, 1996.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Mundo do Trabalho.** São Paulo: Cortez, ano XVIII, n.52, 1996.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Política Social e Direitos.** São Paulo: Cortez, ano XIX, n.53, 1997.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Descentralização, Cidadania, Participação.** São Paulo: Cortez, ano XIX, n.54, 1997.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Mínimos sociais, exclusão social.** São Paulo: Cortez, ano XIX, n.55, 1997.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Assistência social, Sociedade Civil.** São Paulo: Cortez, ano XX, n.56, 1998.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Temas Contemporâneos.** São Paulo: Cortez, ano XX, n.57, 1998.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Terceiro Setor e Movimentos Sociais Hoje.** São Paulo: Cortez, ano XX, n.58, 1998.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Espaço Público, Cidadania, Terceiro Setor.** São Paulo: Cortez, ano XXI, n.59, 1999.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Crise e Proteção Social.** São Paulo: Cortez, ano XXI, n.60, 1999.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **20 anos da Revista.** São Paulo: Cortez, ano XXI, n.61, 1999.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. - **Processo de Trabalho e Assistência Social.** São Paulo: Cortez, ano XXII, n.62, 2000.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **O Enfrentamento da Pobreza em questão.** São Paulo: Cortez, ano XXII, n.63, 2000.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Modernidade sombras e lutas.** São Paulo: Cortez, ano XXII, n.64, 2000.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Seguridade Social e Cidadania.** São Paulo: Cortez, ano XXIII, n.65, 2001.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Fórum Social, Gestão de Políticas.** São Paulo: Cortez, ano XXIII, n.66, 2001.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Especial: Temas sócio-jurídicos.** São Paulo: Cortez, ano XXIII, n.67, 2001.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Assistência e Proteção Social.** São Paulo: Cortez, ano XXIII, n.68, 2001.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE **Multifaces do Trabalho.** São Paulo: Cortez, ano XXIV, n.69, 2002.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. – **Violência.** São Paulo: Cortez, ano XXIV n.70, 2002.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Especial: Famílias.** São Paulo: Cortez, ano XXIV, n.71, 2002.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Cidade, Proteção e Controle Social.** São Paulo: Cortez, ano XXIV, n.72, 2002.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Políticas Públicas e Sociedade Civil.** São Paulo: Cortez, ano XXV, n.73, 2003

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Saúde, qualidade de vida e Direitos.** São Paulo: Cortez, ano XXV, n.74, 2003

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Especial: envelhecimento.** São Paulo: Cortez, ano XXV, n.75, 2003

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. - **Estado e regulação social.** São Paulo: Cortez, ano XXV, n.76, 2003

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XXVI, n.77, 2004

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. São Paulo: Cortez, ano XXVI, n.78, 2004

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. - **Especial: sobre a Profissão**. São Paulo: Cortez, ano XXVI, n.79, 2004

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. - **Política de Assistência Social**. São Paulo: Cortez, ano XXVI, n.80, 2004

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Temas em debate**. São Paulo: Cortez, ano XXVII, n.81, 2005.

REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Trabalho e Saúde**. São Paulo: Cortez, ano XXVII, n.82, 2005

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL. **Diretrizes Curriculares**: polêmicas e perspectivas. Brasília: ABEPSS, 2000.

RICHTER, Martha. **Conservação da biodiversidade e desenvolvimento sustentável de São Francisco de Paula**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

ROSS, Murray G. **Organização da Comunidade**. Porto Alegre: PUC, 1964.

SACHS, Ignacy. **Eco desenvolvimento Crescer sem Destruir**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1986.

SALOMON, Décio Vieira. **A Maravilhosa Incerteza**: pensar, pesquisar e criar. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza (Org.) **Democratizar a democracia** — Os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a Uma Ciência Pós Moderna**. Rio de Janeiro:Graal, 1989.

SELBORNE, Lord. **A Ética do Uso da Água Doce: um levantamento**. Brasília:Unesco, 2002, 3v.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Cia. das letras, 2000.

SILVA, Adi. GUEZ, Berenice. **Consciência Ambiental**: possibilidades de conhecimento qualitativo via projeto de qualificação social. 1997, 258f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, PUCRS, Porto Alegre, 1997.

SILVA, Marcos José Pereira. **Planejamento Estratégico Participativo**. São Paulo: CDHEP, 1999. mimeo.

SILVA, Maria Lúcia Carvalho da. **Desenvolvimento de Comunidade**: coletânea de textos. Rio de Janeiro: CBCISS, v.8, n.97, 1975.

SMITH, Gordon. **Altered states: globalization, sovereignty and governance**. LEAD International Session, Vancouver, p: 64-67, aug. 2000.

SOLA, Lourdes e outros (Orgs.). **Sociedade e Estado em Transformação**. São Paulo: Unesp, 2001.

SOUZA, Maria Luiza de. **Desenvolvimento de comunidade e participação**. Cortez, 1987.

TAYLOR, Gordon Rattray. **A Ameaça Ecológica**. São Paulo: USP, 1978.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.

VIEIRA, Jane Eyre Gonçalves. Educação para a sustentabilidade: um pressuposto da participação comunitária na gestão ambiental das cidades. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, ano XXIII, n. 72, p.62-70, nov. 2002.

VERDUM, Roberto; MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. **RIMA, Relatório de Impacto Ambiental: legislação, elaboração e resultados**. 2. ed. Porto Alegre: Ed.Universidade, 1992.

VIOLA, Eduardo J.; LEIS, Héctor R.; SCHERER-WARREN, Ilse; GUIVANT, Júlia S.; VIEIRA, Paulo Freire. **Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania**: desafios para as Ciências Sociais. São Paulo: Cortez, 7ª ed. 1995.

WAISELFISZ, Julio Jacobo; NOLETO, Marlova Jovchelovitch; BONDER, Cíntia; DIAS, Miriam Thais; CHIECHELSKI, Paulo. **Nos Caminhos da Inclusão Social**. Brasília: Unesco, 2004.

WANDERLEY, Mariangela Belfiore. **Metamorfose do Desenvolvimento de Comunidade e suas Relações com o Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1993.

## WEBLIOGRAFIAS

CALIXTO, Flander Almeida. Movimento verde do Serviço Social e a entrada no novo milênio. **Serviço Social na Rede**. Disponível em <http://pessoal.sercomtel.com.br/colman/>. Acesso em: 1º jun. 2003.

DORNELLES, Denise. O Serviço Social e os desafios da crise ambiental. . **Serviço Social na Rede**. Disponível em <http://pessoal.sercomtel.com.br/colman/>. Acesso em: 1º jun. 2003.

GIRI, Ananta Kumar. **Conversations and Transformations – Toward a New Ethics of Self and Society**. Disponível em [www.development-ethics.org](http://www.development-ethics.org). Acesso em: 1º dez. 2003.

MENDONÇA, Ângela Maria. Meio ambiente e Serviço Social. . **Serviço Social na Rede**. Disponível em <http://pessoal.sercomtel.com.br/colman/>. Acesso em: 1º jun. 2003.

MILLENIUM ECOSYSTEM ASSESSMENT. Disponível em [www.rolac.unep.mx](http://www.rolac.unep.mx) . Acesso em: 30 jul. 2005.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Ir. José Otão. **Orientações para apresentação de citações em documentos segundo NBR 10520**. Disponível em: <http://www.pucrs.br/biblioteca/citacoes.htm> . Acesso em: 10 dez. 2003.

ROMEIRO, Ademar R. **Desenvolvimento sustentável e mudança institucional: notas preliminares**. Disponível em [www.unicamp.br](http://www.unicamp.br) . Acesso em 10 nov 2000.

WAGNER, Lynn. **The globalization phenomenon and influence near and far**. Earth negotiations Bulletin, International Institute for sustainable development. Disponível em [www.ictsd.org](http://www.ictsd.org). Acesso em 15 abr 2002

[www.filosofia.pro.br](http://www.filosofia.pro.br) . Acesso em: 24 mar. 2005.

[www.ictsd.org](http://www.ictsd.org) – International Centre For Trade and Sustainable Development

[www.ifg.org](http://www.ifg.org) – International Forum on Globalization

[www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br). Acesso em: 05 jul. 2005

[www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br). Acesso em: 26 jul. 2005.

[www.mondialisations.org](http://www.mondialisations.org) – Groupe d'Etudes et de Recherche Sur Les Mondialisations

[www.oecd.org](http://www.oecd.org) – Organization for Economic Cooperation and Development

[www.pucrs.br](http://www.pucrs.br) . Acesso em: 12 jun. 2003.

[www.pucrs.br/biblioteca](http://www.pucrs.br/biblioteca) . Acesso em: 1º jun. 2003

[www.rcci.net/globalizacion](http://www.rcci.net/globalizacion) - Revista Web Mensual de Economía, Sociedad y Cultura  
- ISSN 1605-5519

[www.undp.org](http://www.undp.org) – UN Development Program

[www.unesco.org/water](http://www.unesco.org/water) - acesso em 30 nov. 2004

[www.unrisd.org](http://www.unrisd.org) –UN Research Institute for Social Development

[www.usp.br](http://www.usp.br) . Acesso em: 12 jun. 2003.

[www.worldwatch.org](http://www.worldwatch.org) – Worldwatch Institute

[www.wto.org](http://www.wto.org) – World Trade Organization. Acesso em: maio 2002.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)